



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Chuva de Direitos: um tributo a Márcia X.

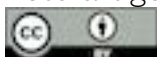
Elilson Gomes do Nascimento

Para citar este artigo:

NASCIMENTO, Elilson Gomes do. *Chuva de Direitos: um tributo a Márcia X.* **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.2, n. 58, ago. 2026.

 DOI: 10.5965/1414573102582026e301

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Chuva de Direitos¹: um tributo a Márcia X.

Elilson Gomes do Nascimento²

Resumo

Neste trabalho, apresento um relato da performance “Chuva de Direitos”, que realizei duas vezes em espaços públicos do Rio de Janeiro, em 2018. Trata-se de um reenactment da performance “Chuva de Dinheiro”, realizada por Márcia X. em coautoria com Ana Cavalcanti nos anos de 1983 e 1985. Como introdução ao texto, contextualizo brevemente a obra original das artistas, bem como a noção de reencenação inerente ao tributo que efetivei mais de três décadas depois.

Palavras-chave: Performance. Ação. Márcia X. Reenactment.

Chuva de Direitos: a tribute to Márcia X.

Abstract

This paper presents an account of the performance “Chuva de Direitos” (“Rain of rights”) which I performed twice in public spaces in Rio de Janeiro in 2018. The work is a reenactment of the performance “Chuva de Dinheiro” (“Rain of Money”), created and performed by Márcia X. in co-authorship with Ana Cavalcanti in 1983 and 1985. As an introduction, I briefly contextualize the artists' original work, as well as the notion of reenactment underlying the tribute I carried out more than three decades later.

Keywords: Performance. Action. Márcia X. Reenactment.

Chuva de Direitos: un homenaje a Márcia X.

Resumen

En este trabajo presento un relato de la performance “Chuva de Direitos” (“Lluvia de Derechos”), que realicé en dos ocasiones en espacios públicos de Río de Janeiro, en 2018. Se trata de un reenactment de la performance “Chuva de Dinheiro” (“Lluvia de Dinero”), realizada por Márcia X. en coautoría con Ana Cavalcanti en los años de 1983 y 1985. Como introducción al texto, contextualizo brevemente la obra original de las artistas, así como la noción de reescenificación inherente al homenaje que llevé a cabo más de tres décadas después.

Palabras clave: Performance. Acción. Márcia X. Reenactment.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada pelo autor do artigo.

² Doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Artes da Cena pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Artista, pesquisador e professor.  elilson.gdn8@gmail.com
 <https://lattes.cnpq.br/7131304554734472>  <https://orcid.org/0000-0001-7974-6304>

Contextualização X.

Figura 1 – Márcia X. e Ana Cavalcanti. *Chuva de Dinheiro*. 1983-1985.
Performance e serigrafia sobre tecido. 180 x 90 cm³.



Em duas ocasiões, nos anos de 1983 e 1985, as artistas Márcia X. e Ana Cavalcanti lançaram impressões serigráficas em tecido de cédulas de dinheiro agigantadas, nas dimensões 180 x 90 cm, do alto de edifícios da Praça Marechal Floriano Peixoto, popularmente denominada como Cinelândia⁴, no centro da cidade do Rio de Janeiro. A performance coligou ironia, crítica e humor no vai e vem da cidade para pôr em pauta o cenário de grave recessão econômica provocada pela ditadura, já aparente em seus anos de declínio.

Após a segunda realização da performance, uma matéria veiculada pelo *Jornal do Brasil*, em 15 de março de 1985, e publicada no livro “Márcia X.”, organizado pela curadora e pesquisadora Beatriz Lemos e editado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 2013, descrevia que o objetivo das artistas era “tentar uma metáfora da realidade brasileira”. Segundo o Jornal, houve uma

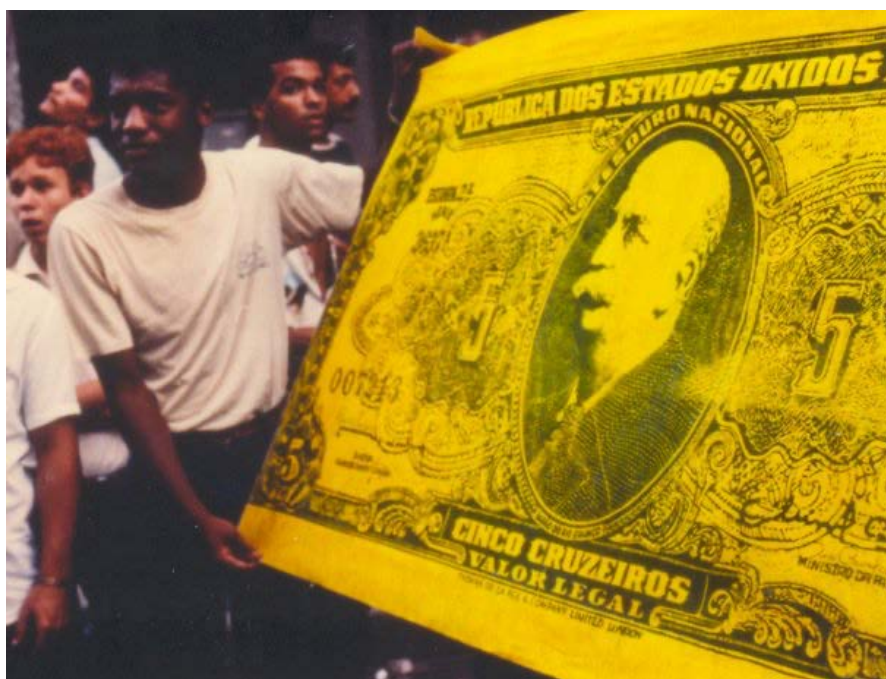
³. Fonte: A iconoclastia sagrada de Márcia X.: arte contemporânea, performance e religião. Acesso em: 30 jun. 2026.

⁴ De acordo com a Prefeitura do Rio de Janeiro, o apelido de “Cinelândia” surgiu na década de 1920, “quando o empresário Francisco Serrador transformou a Praça Floriano em um polo cultural, mesclando vários cinemas a teatros, bares, restaurantes, casas noturnas e até um hotel”. Nos anos 1940, essa espécie de “Broadway brasileira” se tornou um dos principais palcos de manifestações políticas no país. Fonte: Cinelândia – Secretaria Municipal de Conservação. Acesso em: 30 jun. 2026.

senhora que questionou se era a mãe de Paulo Maluf, então deputado federal por São Paulo, quem estaria jogando a dinheirada; um engravatado afirmou que Cruzeiro caindo não era mais uma novidade; um rapaz assustou os clientes de um bar ao alertar que jogariam moedas lá do alto; e um menino de 12 anos contou que faria uma espécie de alquimia performativa com o dinheiro falso: o transformaria em dinheiro de verdade ao tapar o sol nos para-brisas dos carros, já que o tamanho dos tecidos aumentaria as gorjetas (*Jornal do Brasil*, apud Lemos, 2013, p. 34).

Tais reações entre os transeuntes, que corriam e se empurravam em disputa pelas cédulas falsas gigantes, refletem a concretude da arte da performance no que se refere a aglutinar as urgências políticas do dia a dia e convocar uma diversidade de leituras e posicionamentos. No caso de “Chuva de Dinheiro”, o artista, professor e pesquisador Ricardo Basbaum (2003), considera que a performance agarrava e espalhava o problema dos anos 1980 em seu cerne, ecoando “diretamente a atmosfera reinante no país (euforia pela redemocratização, agonia inflacionária) e no mundo (euforia neoliberal)” (Basbaum, 2003).

Figura 2 - Márcia X. e Ana Cavalcanti. *Chuva de Dinheiro*. 1983-1985.
Performance e serigrafia sobre tecido. 180 x 90 cm⁵.



⁵ Fonte: [Márcia X.](#). Acesso em: 30 jun. 2026.

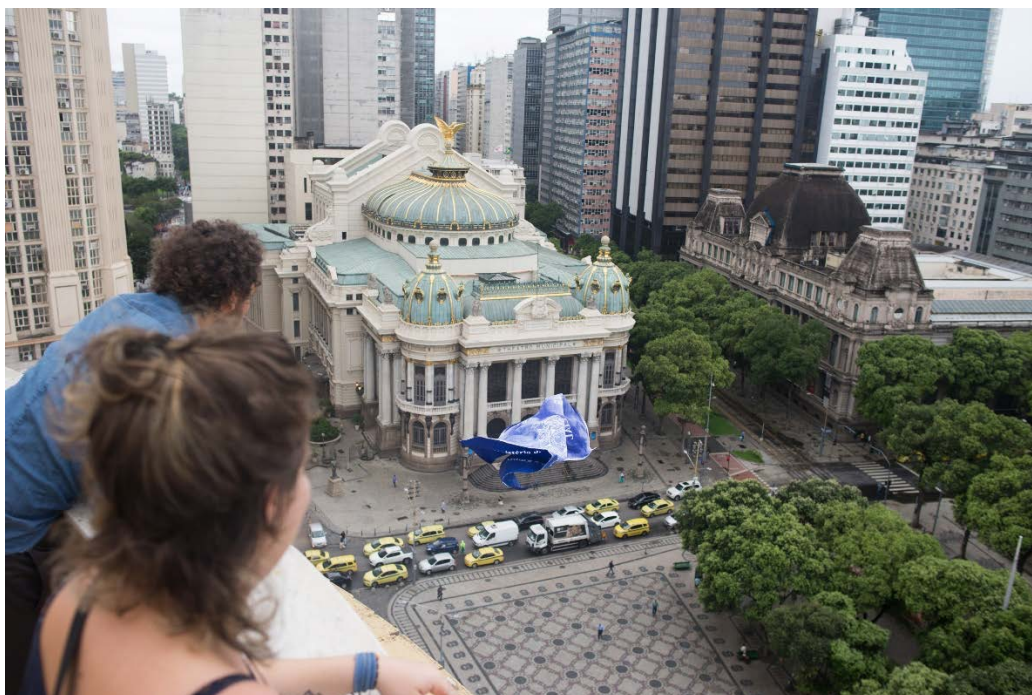
As operações conceituais, estéticas e críticas confluídas em “Chuva de Dinheiro” demonstram a estilística de Márcia X., artista que se aproximava “de todas as fontes, num contínuo desdobrar de impactantes invenções sem par” (Basbaum, 2003). Este modo de criação profícuo e singular que atravessa a intensa produção de Márcia X. ao longo de 25 anos de carreira, mais da metade dos 45 que viveu, assumindo a performance, desde o começo dos anos 80, como a expressão-cerne de uma poética que vetorizou um sem-fim de linguagens ao esgarçar as relações entre arte, liberdade e inventividade, e ao recorrer a uma profusão de materiais cotidianos para criar uma gramática visual própria, a localizam num “diagrama da arte” como “o índice X. de importância decisiva”, “como a figura-X, interrogação-mor inquietante da arte brasileira” (Basbaum, 2003).

No Brasil de 2018, diante das crises trabalhistas que foram instauradas pelas reformas do governo golpista de Michel Temer e assinalavam uma intensificação da perda de direitos conquistados com a iminente eleição de Jair Bolsonaro, resolvi formular uma nova versão desse trabalho, assumindo não só Márcia X. como uma de minhas maiores predileções e inspirações artísticas, mas compreendendo como o seu trabalho segue respondendo ao Brasil e à sua sucessão de crises com manejos estéticos inigualáveis. Em meu reenactment⁶ intitulado “Chuva de Direitos”, que também descrevo como um tributo a Márcia X., as cédulas serigrafadas em tecido foram alternadas por carteiras de trabalho gigantes impressas em serigrafia nas dimensões 170 x 110 cm. Também realizei a

⁶ Ao citar o termo reenactment, me refiro à concepção elaborada pelo teórico da dança André Lepecki (2011), que observa que muitas ações, peças e instalações são retomadas por artistas de novas gerações pelo fato de preservarem lacunas abertas, questões que podem ser atualizadas. Assim, as reencenações conjugam “experimentalismo” e “vontade de arquivar”, o que conduz a “um modo privilegiado de efetuar ou atualizar o imane campo de inventividade e criatividade de uma obra” (Lepecki, 2011, p. 133). Uma vez que as artes vivas, como a performance e a dança, se operam justamente na irrepetibilidade, um paradoxo performativo se instaura: trata-se de uma “diferença com repetição, repetição por causa da diferença” (Idem, p. 135). Em síntese, realizadas como tributos ou como atualizações, as reencenações indicam “um modo afetivo de historicidade que atrela futuros ao liberar o passado das suas muitas ‘domiciliações’ arquivísticas - e particularmente liberando-a daquela força majoritária que mais força a domiciliação de uma obra: a ‘intenção do autor’ como comando autoritário dominando as sobre-vidas da obra” (Lepecki, 2011, p. 115). Tal pensamento pode ser ainda embasado pelas proposições das curadoras Tania Rivera e Izabela Pucu (2015), quando comentam que são inerentes às imagens ou proposições artísticas referências a visualidades, palavras ou fatos ocorridos em outra época, “incitando a um rearranjo dos mesmos em um presente muito complexo”. Nesse espelhamento histórico, “a arte é trabalho de memória” e o trabalho do artista é uma imbricação contínua entre agora, antes e depois, afinal, “não se trata de conhecer o passado tal como ele de fato aconteceu, mas sim de se apropriar de uma reminiscência e dela, com ela, fazer arte – brecha na qual se entrecruzam tempos e espaços, convidando-nos a uma experiência por vir”. (Rivera; Pucu, 2015, p. 185-186).

performance em duas ocasiões, sendo a primeira desde o topo do Edifício do Amarelinho, na Cinelândia, um dos mesmos locais de onde X. e Cavalcanti lançaram suas notas de cinco cruzeiros.

Figura 3 – Elilson. *Chuva de Direitos*. 2018. Performance e serigrafia sobre tecido. 170 x 110 cm. Foto: Anette Carla Alencar.



Relato

No dia 05 de novembro de 2018, realizei a primeira *Chuva de Direitos* da cobertura do edifício do Amarelinho, na Cinelândia, o mesmo prédio do qual Márcia X. e Ana Cavalcanti fizeram chover dinheiro na cidade pela segunda vez, em 1985. Embora eu tenha ocultado que jogaria carteiras de trabalho gigantes, mas dito que tão somente homenagearia Márcia X. para um “trabalho universitário de artes”, consegui autorização da administração predial, porque o síndico geral, um alemão a quem não tive acesso, se lembrava das artistas e da ação de 1985.

Antes de subir para a cobertura, deitei todas as carteiras no chão da praça. Com a ajuda de amigas e amigos que me acompanhavam durante a ação⁷,

⁷ Nomeadamente: Bruno Awful, artista que orientou a confecção das carteiras no Ateliê de Gravura da UERJ; Isabel Figueira e Marcella Klimuk, que me auxiliaram como assistentes da ação; e Clarice Rito, que acompanhou a performance desde a praça.



desenhei um “X” com elas – ou uma cruz, a depender do ângulo de cada passante. Assim que começamos a deitar as carteiras no chão, um homem me parou para se informar: “Você sabe o caminho certo daqui para o Ministério do Trabalho? Estou indo agora mesmo solicitar a segunda via da minha carteira”. Eu acredito que seja por ali, na quadra de trás, mas é melhor o senhor se informar naquela banca de jornal. “Mas isso aí não é uma campanha social? Vocês não trabalham para a Previdência?”. Em seguida, uma senhora também desejou se localizar: “Onde é que eu tiro a Carteira de Trabalho?”. Já outras nos localizaram: “Está tão difícil tirar carteira de trabalho neste ano, viu? Desde maio tentamos para o nosso sobrinho, e nada!”.

Com as carteiras já inscrevendo um “X” no chão da Cinelândia, uma mulher parou para comentar: “Sabem que isso aí vai tudo acabar, né? Melhor colocar assim, grandão, pra ver se o povo enxerga esse azulão, que agora vai ser verde e amarelo. Se quem está assinado tá perdendo tudo, imagina quem...”, disse, substituindo o final da frase por reticências diagramadas por testa franzida, torção de boca e flunar de mãos. Depois, já caminhando, ela ainda se virou para lançar uma frase que tinha, simultaneamente, som de pergunta e de proclamação: “Ninguém vai mais conseguir viver nesse país autonomamente?!”. Transeuntes começaram a se desviar das carteiras gigantes ou seguiam seu fluxo olhando várias vezes para trás, como se estivessem calculando a escala do trabalho e a escala para o trabalho. Uma senhora parou, apontou para as carteiras e gritou: “Lula livre!”. Ao lado da ação, uma reportagem televisiva abordava passantes para que partilhassem conhecimentos sobre Direitos Humanos.

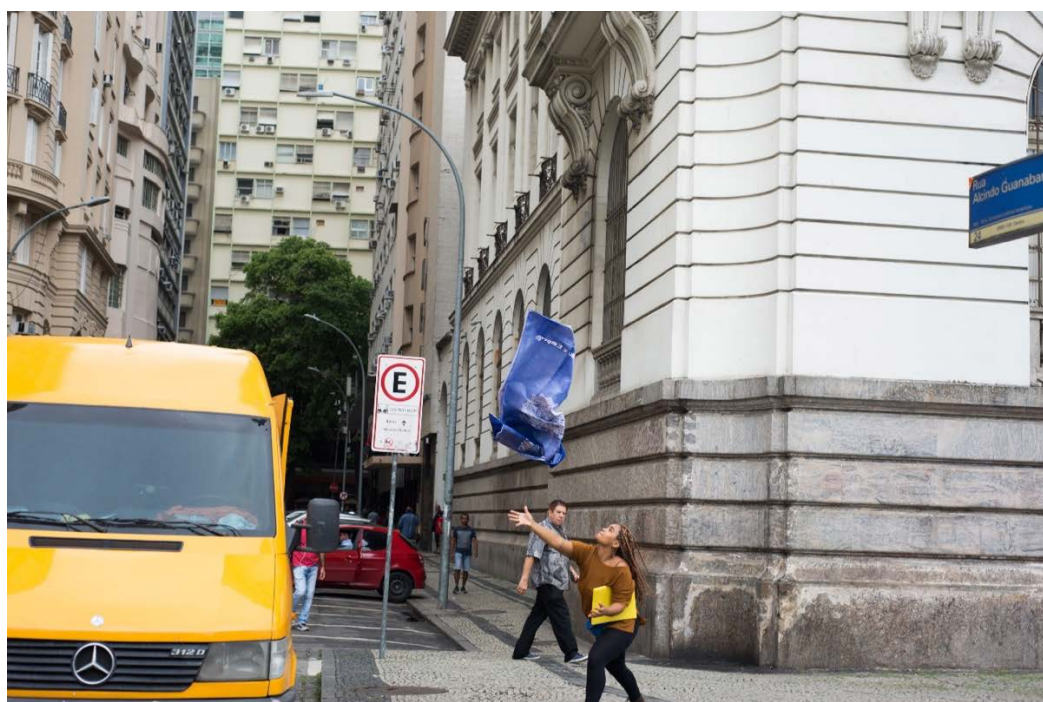
Coloquei todas as carteiras no ombro e, como um volumão ambulante, entrei no prédio rumo à cobertura, acompanhado de uma amiga, Marcela Klimuk. A primeira que jogamos ficou um tempo presa no telhado da Câmara dos Vereadores, o que impôs o desafio de negociar com o vento. A partir da segunda, entendemos que o melhor momento do lançamento era imediatamente após uma rajada, porém jogando para o lado oposto. Queda a queda, garçons saíram dos bares para entender o que e de onde caía; transeuntes agarravam algumas e depois as largavam no chão, outros só paravam por um tempo para observá-las distendidas e voltavam a caminhar. Dentre as carteiras, duas caíram no topo das

escadas da Câmara: à primeira, a resposta imediata dos seguranças foi fechar o portão de entrada para a casa do povo; a segunda simplesmente desapareceu, não se sabe nem se viu quem a levou.

Figura 4 – Elilson. *Chuva de Direitos*. 2018. Performance e serigrafia sobre tecido. 170 x 110 cm. Foto: Carolina Calcavecchia.



Figura 5 – Elilson. *Chuva de Direitos*. 2018. Performance e serigrafia sobre tecido. 170 x 110 cm. Foto: Anette Carla Alencar.



Uma mulher, que se apresentou como “vinda do Sul”, acabara de desembarcar do VLT com suas malas e decidiu parar por ali ao ver pessoas olhando para o alto. Ficou acompanhando as quedas e organizando as carteiras na praça. “Isso é um bom presságio. É minha primeira manhã nesta cidade, e aqui viverei. Que simbólico ser recepcionada assim”. Dois homens passaram por ela, olharam para cima e começaram a gritar: “Se joga! Se joga!”. Ela retrucou: “Que horror! Como se grita isso pra alguém? Só porque o Bolsonaro venceu, vocês acham que as pessoas vão começar a se matar?”. Um deles seguiu, enquanto o segundo recuou e começou a polidamente conversar com ela sobre cidade e direitos.

Um casal que vivia em situação de rua parou e entrou num impasse. Ela arrumava todas as carteiras no chão, erguendo algumas e tentando colocá-las de pé em orelhões e monumentos da praça. Sem sucesso. Ele só dizia: “Não mexe, que isso não é pra gente”. Isabel Figueira, que recolhia assinaturas de consentimento de imagem de quem interagira com o trabalho, se aproximou e disse que tudo bem, que até poderiam levar algumas se quisessem. “É vocês que estão jogando lá de cima, né? Nós vimos lá de longe!”, disse ele, ao passo que a companheira, após confessar que nunca teve aquele documento e perguntar onde poderia requisitá-lo, pousou para a foto com uma em mãos e delicadamente repousou as demais nas escadarias da Câmara. Lá do topo, minutos depois, pronto para jogar a última carteira, olhei bem a cidade – seus prédios, esbarros, veículos, pedestres, trabalhadoras e trabalhadores – e evoquei: Salve Márcia X! Salve todos os artistas que trabalharam, que trabalham e que continuarão trabalhando nessas ruas. Que das ruas a gente não saia!

Agradei ao síndico, desci do prédio, conversei com quem acompanhou a ação e decidi recolher as que sobraram para fotografá-las em movimento nas tubulações de ar do metrô. Uma mulher, com bolsa de estampa da bandeira do Brasil, parou e perguntou se poderia levar a última carteira. Claro, é sua, você a encontrou. “Eu imagino que isso deve ser importante para a peça de teatro de vocês, mas é que quero utilizar como cenário da peça de natal das crianças, lá no Cachambi”. Pedi para saber mais sobre o trabalho e a convidei para brincar comigo na ventilação do metrô. Foi então que perguntei seu nome. “Márcia!”. Após

minha reação eufórica, repetindo o nome algumas vezes e quase o soletrando sem acreditar, ela completou: “Eu parei também porque isso tem tudo a ver com meu trabalho.” Você trabalha com o quê, Márcia? “Eu trabalho na Justiça do Trabalho”.

Figura 6 - Elilson. *Chuva de Direitos*. 2018. Performance e serigrafia sobre tecido. 170 x 110 cm. Foto: Anette Carla Alencar.



Dois dias depois da ação, o fim do Ministério do Trabalho foi anunciado pelo presidente eleito.

A segunda⁸ *Chuva de Direitos* ocorreu do alto da torre de sino da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, na rua Uruguaiana, em 23 de novembro de 2018, com apoio do Museu do Negro, cuja equipe gentilmente acolheu a performance e encaminhou as autorizações necessárias. Antes que eu subisse para as torres, o professor Ricardo Passos, diretor do Museu, me apresentou para um grupo visitantes, anunciando o que ocorreria pontualmente às 12 horas, horário de missa. Dentre os presentes, uma turma do curso de História da UERJ era guiada pela professora, que me ensinou: “Você sabia

⁸ Nesta segunda realização, estive acompanhado por Dani Câmara, que foi assistente da ação; e Gustavo, artista que assina duplicando seu nome próprio, que me auxiliou a confeccionar a segunda leva de carteiras de trabalho.

que no alto dessas torres escravizados se penduravam nos sinos e exibiam gestos de capoeira para toda a rua como sinal de resistência? Há pouquíssimos registros sobre isso, mais especificamente passagens em livros do historiador Carlos Eugênio Líbano Soares”. Não sabia, muito obrigado por dizer! Agora eu redobrarei meu pedido de licença ao subir para os sinos. Em seguida, os professores contaram que a Estação Uruguaiana, localizada a poucos metros dali, era um cemitério de escravizados que foi destruído e transformado em metrô pela Ditadura Militar nos anos 70. Após essas informações, subi para as torres. De pé, no ínfimo espaço ao lado do sino gigante, balancei a primeira carteira também gigante.

Imagem 7 - Elilson. *Chuva de Direitos*. 2018. Performance e serigrafia sobre tecido. 170 x 110 cm. Foto: Anette Carla Alencar.



Rapidamente, vendedores ambulantes passaram a interagir. Pouco a pouco, uma aglomeração se formou na frente da igreja em horário de missa. “Desce daí, seu corno!”. “Viado!”. “Não adianta mais, o Lula já tá preso”. Eram gritos que ecoavam enquanto eu lançava as carteiras. O principal coro durante toda a ação foi a torcida por um suicídio. “Se joga! Se joga! Se joga!”. “Se joga logo, seu corno!”.



“Duvido você pular, viado, tô esperando”. Também houve quem parou para tentar evitar. “Não faz isso, não!”. “Como vocês gritam isso para alguém?”. Uma mãe tapou os olhos do filho e pediu que uma senhora se apressasse: “Vamos correr daqui, vai que ele cai em cima da gente?!”.

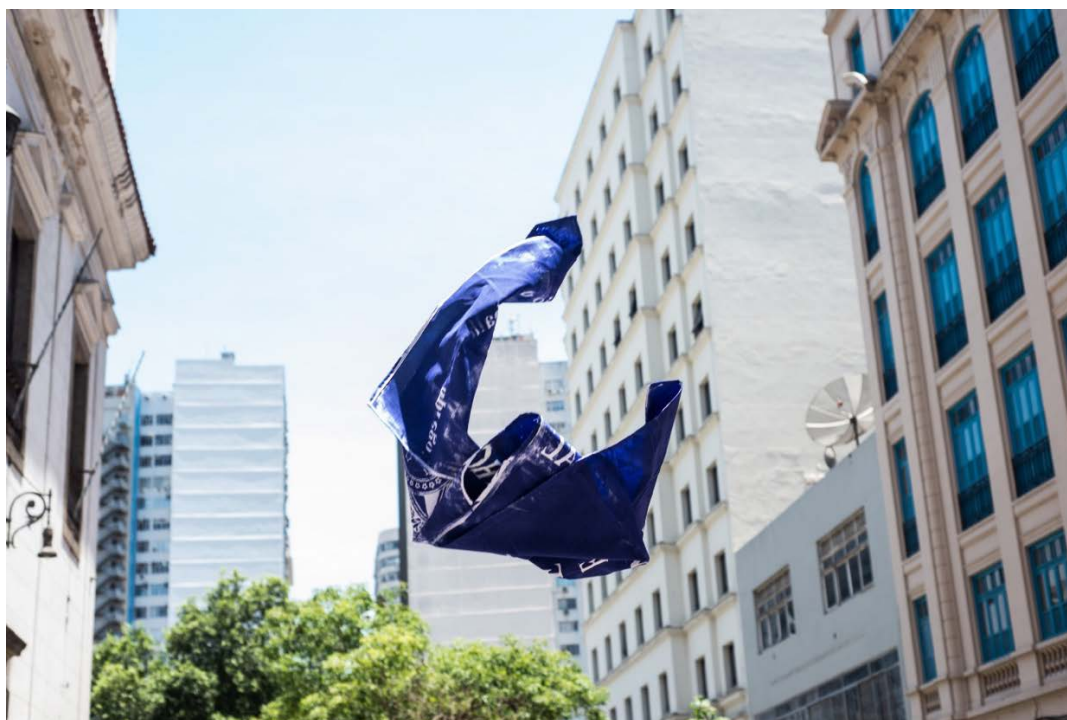
Lá de cima, enquanto os gritos e xingamentos ecoavam e minhas mãos suavam frio e tremiam, fui acometido por uma cena que instantaneamente se cravou em minhas retinas: toda a rua Uruguaiana, dos pés da igreja à passagem para o Largo da Carioca, apontava e mirava em direção à torre de sino. Lá embaixo, Daniele, uma das ambulantes que trabalhava às margens da igreja e para a qual comuniquei previamente sobre a ação para não atravessar seu trabalho de surpresa, disparou entre os colegas uma contraposição: “Vocês deveriam aplaudir em vez de zombar e torcer pelo mal. Não entendem que isso é sobre nós?! Vamos pensar, está tudo acabando!”. Os mesmos ambulantes que clamavam pelo suicídio, passaram a disputar pelas carteiras, inclusive pela última que joguei, totalmente em branco.

A ideia de um suicídio não ficou só nos gritos, mas numa denúncia anônima que partiu de uma funcionária da igreja incomodada com a ação artística e com o Museu do Negro. Várias viaturas do Centro Presente chegaram ao local e três policiais, que estavam na Uruguaiana e observaram a ação desde o início, subiram para me autuar. Com as coisas elucidadas e com as autorizações comprovadas, um deles, que debochava ao ouvir que se tratava de um trabalho artístico, exclamou: “É que foi tão realista, né? Acho que não custava nada ter alguém ali embaixo explicando tudo para as pessoas”. Mas isso mudaria o meu trabalho. “É, mas isso mudou o nosso trabalho!”. Mas isso são os nossos trabalhos se encontrando, respondi por fim.

Algumas carteiras foram levadas para casas e podem ter virado bandeira, estandarte, toalha de mesa... outras passaram a forrar as bancadas de produtos dos camelôs ali mesmo. Uma delas ficou presa no telhado da igreja e só caiu uma semana e meia depois da ação. Quando passei um dia pela rua Uruguaiana, Daniele me contou que quem agarrou o último exemplar foi um homem desabrigado que vivia em uma das paralelas do Mercado Popular da Saara. Ele passou a utilizar a

carteira de trabalho como lençol⁹.

Figuras 8 e 9 - Elilson. *Chuva de Direitos*. 2018. Performance e serigrafia sobre tecido. 170 x 110 cm. Foto: Anette Carla Alencar.



⁹ Uma primeira versão deste relato integrou meu livro “Mobilidade [inter]urbana-performativa”, de 2019.

Referências

BASBAUM, Ricardo. "X": Percursos de alguém além de equações. *Revista Concinnitas*, 2003, p. 174–197. Acesso em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/42762>

ELILSON, Gomes do Nascimento. *Mobilidade [inter]urbana-performativa*. Rio de Janeiro: edição do autor/Rumos Itaú Cultural, 2019.

LEMOS, Beatriz. *Márcia X*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2013.

LEPECKI, André. O corpo como arquivo: vontade de reencenar e pós-vida de obras de dança. In: *A performance ensaiada: ensaios sobre performance contemporânea*. Oliveira Júnior (org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

RIVERA, Tania; PUCU, Izabela. Arte, memória, sujeito: Bandeiras na Praça General Osório 1968 / Bandeiras na Praça Tiradentes 2014. *Lua Nova*, São Paulo, 96, 177–190, 2015.

Recebido em: 30/06/2026

Aprovado em: 12/08/2026